

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR E SUBJETIVIDADE DE PROFESSORES NO CAPITALISMO FLEXÍVEL

Janete Tranquila Gracioli

Resumo:

O artigo trata-se das relações dialéticas entre organização do trabalho docente e a subjetividade de professores universitários. De abordagem qualitativa, incluiu pesquisa bibliográfica e de campo que investiga as relações interpessoais e os dilemas vividos no cotidiano da profissão. Compõe o referencial teórico trabalho imaterial de Lazzarato e Negri; sofrimento psíquico Dejours; subjetividade conforme Gonzalez Rey; e capitalismo e subjetividade segundo Alves. A pesquisa de campo deu-se por meio de entrevistas narrativas com 20 professores de instituições de ensino superior privado de uma cidade do Triângulo Mineiro-MG. Como resultados parciais, os professores refletem sobre o que fazem e o que são, e as diferentes trajetórias profissionais apresentam aspectos positivos e negativos, que desenham significados e sentidos do trabalho, inerentes à subjetividade de cada professor.

Palavras-chave: Narrativas. Trabalho Docente. Subjetividade de Professor.

INTRODUÇÃO

No sistema capitalista, as relações de trabalho mudam na medida em que os setores produtivos avançam para conseguir unir produtividade, excelência na produção e um menor tempo de execução das atividades. Traduzir essa regra significa dizer trabalhar mais e em menor tempo, obtendo melhores resultados. A esfera produtiva evidencia transformações emblemáticas das últimas décadas, representadas pelas tecnologias móveis, automação, reestruturação produtiva, realocação espaço-temporal, adoção de novas formas de gestão, que remodelam conceitos e impulsionam a legitimidade ideológica do capitalismo flexível.

O trabalho docente não foge a essa regra. É atingido por transformações, que vão desde as condições de infraestrutura, adoção de tecnologias eletrônicas, até o redimensionamento da sociabilidade e das relações interpessoais inerentes à cultura digital. Com tendência acentuada à redução da autonomia do professor, a estruturação e organização do trabalho docente no contexto do capitalismo flexível demandam exigências de formação e qualificação profissional continuada; aceleração do ritmo de produção; fragmentação das atividades docentes; familiaridade e domínio das tecnologias digitais. A esses processos, somam-se os fatores externos presentes nas regras que regem o mercado de trabalho docente, a serem considerados: constante clima

de ameaça manifesto em práticas de enxugamento da máquina produtiva; estratégias de controle de produção; acirramento da competitividade e aumento do potencial de conflitos intra e interpessoais que favorecem um sentimento de medo e baixa autoestima. Tal quadro torna-se mais forte e visível, à medida que aumentam as mudanças e as exigências impostas pelo capitalismo em sua fase de acumulação flexível. A ele, se liga e amplia-se o número de variáveis que condicionam a organização do trabalho docente, imprimindo-lhe rumos, tendências e finalidades que, por sua vez, demandam perfis especiais de trabalhadores. Nessa direção e para a compreensão do que se dá no mundo do trabalho de professores universitários, toma-se aqui como referencial teórico as noções sobre o trabalho imaterial segundo Lazzarato e Negri (2001), capitalismo flexível conforme Harvey (2001), Antunes (2004); Giovanni Alves (2001); flexibilização dos vínculos e fragilidade das relações segundo Sennett (2000); sofrimento psíquico de Dejours (1999), aumento das exigências no trabalho de Bendassolli (2000) ; intensificação do trabalho Dal Rosso (2002); e subjetividade de Alves (2011); Gonzalez Rey (2005), Bendassolli (2007) e as relações das condições do trabalho com os dilemas pessoais e profissionais, atuais formas de estruturar e organizar o trabalho com a utilização de sutis modos de controle e a adoção de novas tecnologias conforme, e patologias no e do trabalho, conforme Dejours (1999).

Há uma relação dialética entre subjetividade de professores e exercício do trabalho docente. Este influencia e é influenciado significativamente pelas dimensões subjetivas dos professores universitários, em especial no que se refere à experiência de vida profissional, às capacidades de discernimento, dispositivos de enfrentamento, auto-organização, no sentido de oferecer uma sensação de autoconfiança, equilíbrio psicossocial relativo à sua atuação e desenvolvimento profissional, como se pode conferir pelo que segue.

Assim, os significados de trabalho docente e subjetividade suas inter-relações, são tidas como que fundamentos teóricos desta pesquisa. Estes, pelas suas narrativas, expõem o que pensam e sentem sobre o trabalho, deixando pistas para a análise de seu lugar na configuração de sua subjetividade. Em termos de conclusão parcial, desenham-se aqui os possíveis significados e sentidos do trabalho que estão sendo construídos por docentes de diferentes instituições do ensino superior privado de uma cidade mineira da região do Triângulo Mineiro.

1 TRABALHO DOCENTE, SUBJETIVIDADE E SAÚDE MENTAL: aportes teóricos e problemática

O processo de investigação da natureza do trabalho, independente da função que a pessoa realiza, requer o conhecimento das características do perfil trabalhador, das condições de execução do seu trabalho e das consequências que dele derivam. O atual cenário do mundo trabalho remete a um quadro de mudanças relacionadas a um conjunto de fatores. Dentre eles, além das reformas no sistema político, social econômico e cultural, estão as tecnologias digitais e suas ligações com a descentralização do espaço físico produtivo, a alteração de modos de trabalho e algumas metamorfoses na natureza e tempo de trabalho.

Na execução de qualquer trabalho estão presentes variáveis objetivas e subjetivas que, em suas inter-relações, trazem diferentes consequências expressas nos indicadores de produção, no desempenho humano e na saúde do trabalhador, aqui focada na categoria de docentes do ensino superior.

Ao discorrer sobre o fluxo histórico que tece essas transformações, Harvey (1993) reconhece que no capitalismo flexível, o tempo de produção é cada vez menor e exige trabalhadores mais ágeis e capazes de reagir diante das novas demandas. O impacto destas transformações nas relações de trabalho é descrito por Brescioni (1999) como gerador de insegurança, sentimento de estar sob pressão, isolamento, competição, angústia, submissão às exigências da organização do trabalho e sensação de desvalorização e degradação; constituindo, portanto, aspectos com implicações na saúde psicológica. Em função de sua subjetividade, cada professor enfrenta, a seu modo, o cotidiano de trabalho. Seja pela reorganização do estilo de vida, suporte emocional, capacidades de discernimento, trajetórias profissionais e vivências, seja pela escolha e priorização de fatores compatíveis com a busca e preservação da autoconfiança, para resolver os conflitos intra e interpessoais e dificuldades relativas à organização e às condições do processo de trabalho.

A partir das contribuições de Lazzarato e Negri (2001) sobre o trabalho imaterial; de Giovanni Alves (2000) que trata das relações entre capitalismo, organização do trabalho e captura da subjetividade; de González Rey (2005) e Bendassolli (2007) que discutem noções de subjetividade, segundo diferentes correntes teóricas, analisam-se aqui as relações entre subjetividade e trabalho, a partir das narrativas de professores sobre suas trajetórias profissionais e de vida. A intenção é distinguir a organização e as condições do trabalho docente no ensino superior privado e

encontrar caminhos que possam contribuir para avaliar a natureza dos efeitos da docência sobre a subjetividade de professores.

Numa noção mais geral, e de acordo com o dicionário Houaiss (2001), subjetividade significa o que é próprio ao sujeito. Aquilo que o define e o singulariza diante de si e do outro. Em uma perspectiva teórica mais específica, a análise sobre a subjetividade até o presente momento desenvolvida aponta que “ela é socialmente produzida e opera numa formação social específica, sob o crivo de um determinado contexto histórico social (SILVEIRA, 2005, p.2)”. Ambas origens remetem à importância de considerar a subjetividade para além do das aparências, uma vez que ela se define em função dos contextos que as abrigam e as modelam. Trata-se, pois de considerar nessa dimensão os territórios existenciais que constituem e caracterizam o ser humano.

Para Clot (1995, p. 92), [...] é preciso conceber a subjetividade sempre ligada a uma atividade e pensá-la como um “engajamento de valores do sujeito na atividade” como “o universo do sentido”, não perdendo de vista que esse sentido não é puro, mas “sempre sentido de em relação à ‘alguma coisa’”. Aponta que não há como compreender os processos de trabalho sem passar pela subjetividade do trabalhador, sem analisar a vida psíquica dos sujeitos. Pesquisar a relação existente entre a subjetividade do professor e o exercício da profissão implica refletir sobre os níveis e formas de sociabilidade que o capitalismo impõe e, ao mesmo tempo, produz e é dialeticamente por eles produzido.

Trata-se de saber como a subjetividade age sobre o trabalho e o direciona para determinados rumos e resultados e ao mesmo tempo, como tal trabalho delinea e reconfigura a subjetividade de quem trabalha. Para isso é importante analisar como determinadas mudanças no cotidiano do trabalho expressam uma lógica própria e correspondente à lógica do trabalho imaterial.

Segundo Lazzarato e Negri (2001), o trabalho imaterial caracteriza-se como uma relação aberta, pois seus elementos e processos de valorização são de outra natureza. O trabalho imaterial acontece em espaços diversos que extrapolam os limites de uma sala de aula ou de uma escola formal. Por isso ele não pode ser entendido como uma relação fechada e restrita ao espaço físico de trabalho. Traz uma ruptura dos limites que antes separavam o separavam das demais dimensões da vida. Nele não se separa mais o tempo de trabalho do tempo de vida. Ou seja, o trabalho afeta a vida numa escala sem

precedentes, mesclando-se à própria subjetividade, aos estilos de vida, definindo-os ao mesmo que por eles é definido.

Dentre as questões que surgem no cotidiano do trabalho docente, algumas evidenciam parte dos desdobramentos emergentes da relação trabalho/sujeito e subjetividade, além das repercussões para a saúde mental do professor. Nesse sentido pergunta-se: Quais e em que aspectos aprendidos e/ou construídos, a subjetividade do professor interfere e diferencia o exercício da docência? Quais características psicossociais compõem o perfil e a subjetividade docente? Como ele enfrenta os desafios impostos pelo trabalho imaterial e pelas condições do capitalismo flexível? Até que ponto e sob quais formas, a subjetividade reflete a posição do professor em relação às condições e organização do trabalho? Como se percebe em relação à sua individualidade? Nela apreende manifestações de vulnerabilidade às pressões psicossociais ou abre alternativas para a sua saúde mental?

Desse modo pela pesquisa, espera-se contribuir para ampliar a compreensão da subjetividade docente, a partir da análise de como cada professor apreende, convive e responde às demandas que lhe são feitas. Além disso, em termos pessoais, ao participante professor, pode-se oferecer a oportunidade para reconhecer-se não apenas na profissão, mas como indivíduo em construção e reconstrução de si mesmo e do seu trabalho. Desse modo, a pesquisa significa uma alternativa de análise sobre a organização do trabalho docente e sua centralidade na vida do sujeito, uma vez que conforme preconizado pela teoria marxista, o trabalho tem centralidade na vida da pessoa, sendo dela um dos aspectos mais relevantes. Por isso, é inseparável da sua existência e dos significados a ela atribuídos, a partir dele.

2 METODOLOGIA

Para o trato das questões que dimensionam o problema e o objeto de estudo, esta pesquisa explicativa, de abordagem qualitativa, é tida como uma inter-relação entre pesquisador e pesquisado. Cada um de seus momentos e procedimentos supõe maleabilidade dos sujeitos e flexibilidade nos procedimentos, para que os objetivos sejam alcançados e os resultados tenham o alcance esperado. É entendida como um processo dinâmico e sujeito a movimentos, adequações e mudanças, que rompem com a linearidade na produção do conhecimento, porquanto sujeita a avanços, recuos e revisões.

A abordagem qualitativa permite ao pesquisador organizar o modo de investigar e trabalhar com a interpretação de dados subjetivos, tidos como:

[...] instrumentos do pensamento que expressam não só um momento do objeto estudado, mas o contexto histórico-cultural em que esse momento surge como significado e, com ele, a história do pesquisador, que é elemento relevante na explicação de sua sensibilidade criativa (GONZALEZ REY, 2002, p.60),

De acordo com Minayo (1993, p. 35), a pesquisa qualitativa “traz para o interior da análise o subjetivo e o objetivo, os atores sociais e o sistema de valores, os fatos e os seus significados, a ordem e os conflitos”. Além disso, tal pesquisa permite coerência em relação aos objetivos propostos, porquanto toma como referência Minayo (1994, p.21) ao reconhecer que tal abordagem “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Para tal, desenvolveu-se a pesquisa empírica com o objetivo de conhecer aspectos da subjetividade e as trajetórias profissionais, sempre em inter-relação com a pesquisa bibliográfica. Esta incluiu teve como fontes, livros e artigos científicos. Os critérios de busca foram os termos descritores: trabalho docente, organização do trabalho, subjetividade, comportamento psicossocial, no período compreendido entre 2009 a 2014.

Tendo em vista, identificar as características da subjetividade e trajetórias profissionais, em seus diferentes conteúdos e dimensões, recorreu-se à entrevista narrativa individual. Esta modalidade contempla as dimensões do tempo e do sentido. Ou seja, tem efeito formador por si só, porque coloca o ator num campo reflexivo de tomada de consciência sobre sua existência, sentidos, conhecimentos que foram adquiridos ao longo da vida e oferece possibilidades formativas, construídas a partir das experiências vividas na profissão.

Assim, no caso desta pesquisa, houve inicialmente uma pergunta desencadeadora: O que é ser professor? Em seguida, outras perguntas foram incluídas, conforme detalhamentos que se mostraram necessários, prestando-se a evidenciar a dimensão subjetiva dos professores, estimulando-os a contarem sua trajetória profissional e sobre ela refletirem.

Isso favorece obter um conjunto de informações sobre suas situações conflituosas, dilemas, percepções, consciência e construção de seu desenvolvimento profissional, além de possibilitar que cada participante identifique as concepções do ser professor e conteúdos que orientam a organização de seu trabalho docente e a forma de como se apropriou dessas informações.

Segundo Galvão (2005), como método de investigação, as narrativas permitem aderir significados ao pensamento experiencial do professor, apontar o significado que dá às suas experiências, à avaliação de processos e aos modos de atuar. Permitem ainda aderir significados aos contextos vividos e onde se dá sua prática pedagógica. Assim sendo, o importante para a entrevista narrativa é ouvir o professor que pode apresentar contraditórios significados, pontos de vista, valores morais, crenças, satisfações e insatisfações.

Josso (2010, p.8) alerta que:

[...] a narrativa funciona num primeiro plano na perspectiva das competências verbais e intelectuais, porque faz o sujeito entrar em contato com suas lembranças e evocar as “recordações-referências” que esteja implicado com o tema conhecimento de si e formação; fazendo com que este revele o que o sujeito aprendeu nas experiências que vivenciou nas suas vidas.

Como entrevistados, até o presente momento participaram sete professores de instituições de ensino superior privado, cujo tempo de trabalho tenha se enquadrado nos seguintes períodos preestabelecidos de 03 a 07, de 08 a 12 anos, 13 a 17 anos e mais de 18 anos. No primeiro contato foi esclarecido a cada participante em que consistia a entrevista e solicitado permissão para que entrevista fosse gravada, observada a garantida de sua privacidade e sigilo de sua identidade.

Na entrevista narrativa, de cunho biográfico, focou-se a trajetória profissional na docência universitária, pois esta revela dimensões da subjetividade e a influência da realidade cultural nas vivências desses professores e em suas transformações. Feita a gravação e a posterior transcrição, foi possível chegar às interpretações e inferências de dados, por meio da análise de conteúdo. Esta, segundo Bardin (1976) e Minayo (2004), permite evidenciar as trajetórias e as dimensões em torno das quais a subjetividade docente se organiza e se expressa. Foram selecionadas as seguintes categorias: trajetória e perfil profissional, emprego e condições de trabalho; flexibilidade e precarização do trabalho; formação e desenvolvimento profissional; sala de aula e relações interpessoais; subjetividade e processo saúde-trabalho; dispositivos de

enfrentamento utilizados pelo professor no ambiente de trabalho e os efeitos sobre a subjetividade.

Ainda quanto aos procedimentos de análise, e conforme Bauer e Gaskell (2000, p.60), cabe ao pesquisador organizar os relatos dos professores em uma dimensão cronológica, de forma coerente e significativa conforme categorias. Contudo, para tal são necessárias algumas regras de base, por meio das quais se estabelece o processo de explicitação, sistematização e expressão do conteúdo das mensagens. Segundo Minayo (2004) e Bardin (1976), a análise de conteúdo se organiza em três etapas: a) pré-análise; fase de organização e sistematização das ideias, a elaboração de indicadores que vai orientar a interpretação final. É feita a leitura flutuante, que envolve a organização do material de forma a responder a critérios de representatividade, homogeneidade e pertinência; formulação de hipóteses e objetivos; b) fase de exploração do material: fase em que os dados brutos do material são codificados para se alcançar o núcleo de compreensão do texto; c) tratamento dos resultados obtidos e interpretação. De posse dos resultados, propõem-se as inferências e se realizam suas interpretações de acordo com o aporte teórico e os objetivos propostos.

Com referência no exposto, o material das entrevistas foi analisado à luz dos fundamentos teóricos sobre trabalho docente, formação e do desenvolvimento profissional de professores em interface com a psicologia e a sociologia do trabalho.

Pelos procedimentos previstos para a análise de conteúdo buscou-se entender a construção do eu profissional, focando trajetórias e vivências pessoais materializadas em narrativas, percepções, sentimentos. A partir deles buscou-se compreender aspectos e processos da subjetividade dos professores pesquisados, de modo a refletir e acompanhar as transformações sociais atuais. Afinal, elas têm influências no “constituir-se e ser professor”. A partir delas, recolhem-se possibilidades e constroem-se recursos para enfrentar as situações cotidianas do trabalho docente.

3 TRAJETÓRIAS E VIVÊNCIAS DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS: Subjetividade e enfrentamento do cotidiano.

Ao problematizar as trajetórias e vivências profissionais que emergem de uma prática e de um referencial teórico legitimados nos campos de conhecimento da educação e da psicologia, e procurando conhecer como é o trabalho docente e como ele impacta a subjetividade do professor, percebeu-se que ele é um universo repleto de artefatos e de sentidos. Ou seja, o sujeito vivencia aspectos internos e externos em suas

relações com o trabalho, o que denota segundo Gonzalez Rey (2003) que a subjetividade não se dá apenas em um nível individual, mas expõe a própria cultura, que constitui e é constituída pelo sujeito individual e coletivo, configurando-se nesse processo a sua própria subjetividade.

De modo ainda parcial, como primeiros resultados, constatou-se que as narrativas são um conjunto de concepções sobre o trabalho docente pautada no capitalismo flexível que é uma característica do mundo hoje, onde, traz mudanças quanto a organização do tempo de trabalho, do ritmo de desempenho, da organização das rotinas de trabalho, prazos para cumprimento das atividades. Percebe-se com a flexibilização no ambiente de trabalho consequências tanto na vida profissional como pessoal do professor, tendo este, que se esforçar muito para enfrentar e exercer seu trabalho com empenho e satisfação em meio aos impactos das tecnologias, as relações sociais mais fragilizadas e as condições de trabalho em constante mudanças.

Diante deste cenário, Dejours (1992, p. 49) defende que “executar uma tarefa sem investimento material ou afetivo exige a produção de esforços e de vontade, em outras circunstâncias suportadas pelo jogo da motivação e do desejo”. A motivação e o desejo aqui correspondem aos aspectos positivos da docência, materializados na relação com os colegas e nos agradecimentos de alguns estudantes. Contudo os fatores de enfrentamento dependem das respostas do contexto e condições em que trabalham e principalmente da subjetividade dos docentes.

Dentre as vivências positivas do constituir-se professor, os participantes destacaram a possibilidade de interações humanas, paixão pelo que se faz ensinar, sentimento de pertença, e o reconhecimento do ser professor. Percebeu-se que, as vivências positivas, nas quais se destaca a dimensão afetiva com o trabalho docente, estão aliadas ao ideário humano de que o professor “ajuda o aluno” a se tornar alguém, mesmo que com dificuldades e sofrimento.

Quanto às vivências e sentimentos que denotam sofrimento, com desgaste físico e emocional, desencantamento e ao desânimo em investir nos alunos, tal expressão, todavia não faz alusão a adoecimento, tristeza, culpa; mas vem de encontro ao entendimento dejouriano de que o sofrimento é uma perspectiva da normalidade e não de patologia. Ou seja, avaliam o sofrimento que sentem como algo inerente à atividade de ser professor. Parece que é compreendido como uma área de atuação onde já têm dificuldades, e é sofrida por natureza. Parece haver uma tendência à naturalização do sofrimento, desprezando sua dimensão histórica e social.

O processo de transformações em todos os campos de trabalho é considerado pelos participantes como um elemento que influencia as mudanças que ocorreram e ocorrem em seu cotidiano escolar. Ressaltam que, no decorrer de suas trajetórias profissionais, essas mudanças influenciam muito as condições de trabalho, as demandas advindas do enfrentamento das dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, os desafios de se ter mais alunos diante da competitividade que hoje as universidades particulares enfrentam que os alunos são a verdadeira essência do processo educacional. Opinam também que são formadores de opinião e que, como tal, a sua responsabilidade é inquestionável diante dessas mudanças, porque destacam que os seus ideários de formação ajudam também na reformulação de conduta, na sua prática e construção e desenvolvimento de alunos cidadãos.

Quanto ao ritmo intenso de trabalho, as atividades homogêneas no exercício da profissão, a rotina do dia a dia (provas, notas, trabalhos etc) pode repercutir negativamente na sua saúde psicossocial, pois ocasiona uma sensação de trabalho mecanizado. Isto nos remete ao trabalho e às exigências que se impõem hoje à atuação profissional, onde o discurso predominante no trabalho é conviver com os impactos das tecnologias para justificar as taxas de desemprego, além da existência de muitos professores trabalhando em diferentes regimes de tempo, com tensão relacionada ao medo das demissões, e relações interpessoais competitivas e individualizadas.

Diante dessas narrativas, faz-se necessário saber que o processo de mudanças impostas pelo capitalismo flexível no ambiente de trabalho docente não deve ser analisado por uma “conversão” dos/as professores/as, no sentido de pressupor o abandono de todas as suas práticas anteriores e a mudança radical em suas formas de trabalho. Requer considerar que depende muito do seu estilo de trabalho, da forma como se posicionam frente às propostas de mudanças; enfim da subjetividade de cada professor.

Nesse sentido, remete-se a uma reflexão sobre o trabalho docente e o que ele permite quanto à relação ensino-aprendizagem e o humano. De nada valerá o conhecimento, se não for para me aproximar do outro. Sobre isso, são fundamentais as trajetórias e o como são lembradas e narradas. “A vida não é a que a gente viveu, mas a que a gente recorda e como recorda para contá-la” (MARQUEZ, 2004, p. 3). Nesse sentido, as entrevistas com docentes já realizadas, entrelaçam a vida pessoal e profissional nos valores, na família, nos interesses pessoais, nas opiniões, amizades; enfim, em tudo que, de certa forma, contribui para o modo de ser, agir e pensar. Põem

em evidência a subjetividade do ser professor e, ainda, as ações pedagógicas que se mostram no exercício da profissão.

4 CONCLUSÃO

Buscando compreender as relações estabelecidas entre as trajetórias profissionais, a docência, as percepções e a subjetividade dos professores universitários, percebeu-se, até o momento, que os sentidos subjetivos, reações e sentimentos são distintos e evidenciam as subjetividades que se constroem continuamente em cada professor.

A trajetória pessoal não se separa da trajetória profissional de uma pessoa e esta passa por diferentes momentos e variadas circunstâncias. Dá para concordar que todo e qualquer momento da existência é importante, se se souber encontrar o significado que ele tem para a própria vida e a valorização de cada um como ser humano.

As análises desenvolvidas até o momento respondem a algumas das questões norteadoras do estudo, mas põe em evidência a necessidade de se desvelar outras, que caracterizam a subjetividade e são geradoras de novos sentidos sobre o trabalho docente. É possível dizer que a dimensão subjetiva não é apenas uma abstração, algo estático, mas o resultado de processos de sentido, muitas vezes contraditórios, que definem e caracterizam os contextos sociais em que se vive.

Compreender a subjetividade é refletir sobre a produção de formas de pensamento, de desejo, de ação, de modos de relação consigo mesmo e com o mundo. A partir desse entendimento da subjetividade, passa-se a compreender a docência enquanto um processo feito de dificuldades, resistências, erros, frustrações, acertos, mudanças, incertezas, conquistas.

Ao investigar a trajetória docente e a subjetividade do professor, evidencia-se que cada professor constrói uma trajetória singular no processo de desenvolvimento e formação do seu perfil profissional. O exercício do trabalho docente é um processo marcado por êxitos, dificuldades, sofrimentos. Mas, inclui também o sentimento de paixão pelo que se faz de orgulho de pertença a uma categoria e classe social, sentimento de aceitação social da profissão no âmbito em que é realizada e nas dimensões psicossociais que são construídas.

5 REFERÊNCIAS

ALVES, Giovani. **Trabalho e subjetividade**: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo, 2011

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições, 1979.

BENDASSOLLI, Pedro. **Trabalho e identidade em tempos sombrios**. São Paulo: Ideias e Letras, 2007.

BRESCIANI, P. L. Reestruturação produtiva o que há de novo para a psicologia no mundo do trabalho? *Cadernos de psicologia social do trabalho*, V. 2 n.1, p.39-45.1999.

BAUWER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio Janeiro: ED. Vozes, 2000.

CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. Rio Janeiro: Vozes, 2007.

DEJOURS, Cristhopher. A banalização da injustiça social. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

GARCIA Marcelo. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Portugal: Porto Editora, 1999.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luís. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: Os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

_____. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. In: **Anais da 24ª. Reunião Anual da ANPED**. Outubro 2001. Disponível em: www.anped.org.br/reuniões/24/te7.doc. Acesso em: 20 abr. 2013.

_____. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: Caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2011.

HOUAISS. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Instituto Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

JOSSO, Marie C. Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal-RN: EDUFERN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 59-79.

LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. **Trabalho imaterial**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

MARQUEZ, G. G. **Viver para contar**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2. ed. , v.1, 1971, 579 p.

MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos. Tradução e notas: Jesus Ranieri. São Paulo: Boi Tempo, 2004.

MINAYO, M. C. de S.. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23.ed. Petrópolis: Vozes, 2004..

OLIVEIRA, D. A. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. Educ. Soc., Dez 2004, vol.25, nº 89, p.1127-1144.

TITTONI, J. Subjetividade e trabalho; a experiência no trabalho e sua expressão na vida do trabalhador fora da fábrica. Porto Alegre: Ortiz, 1994.

SENNET, R.A corrosão do caráter: Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. (5. ed.). São Paulo, SP: Record, 2001.